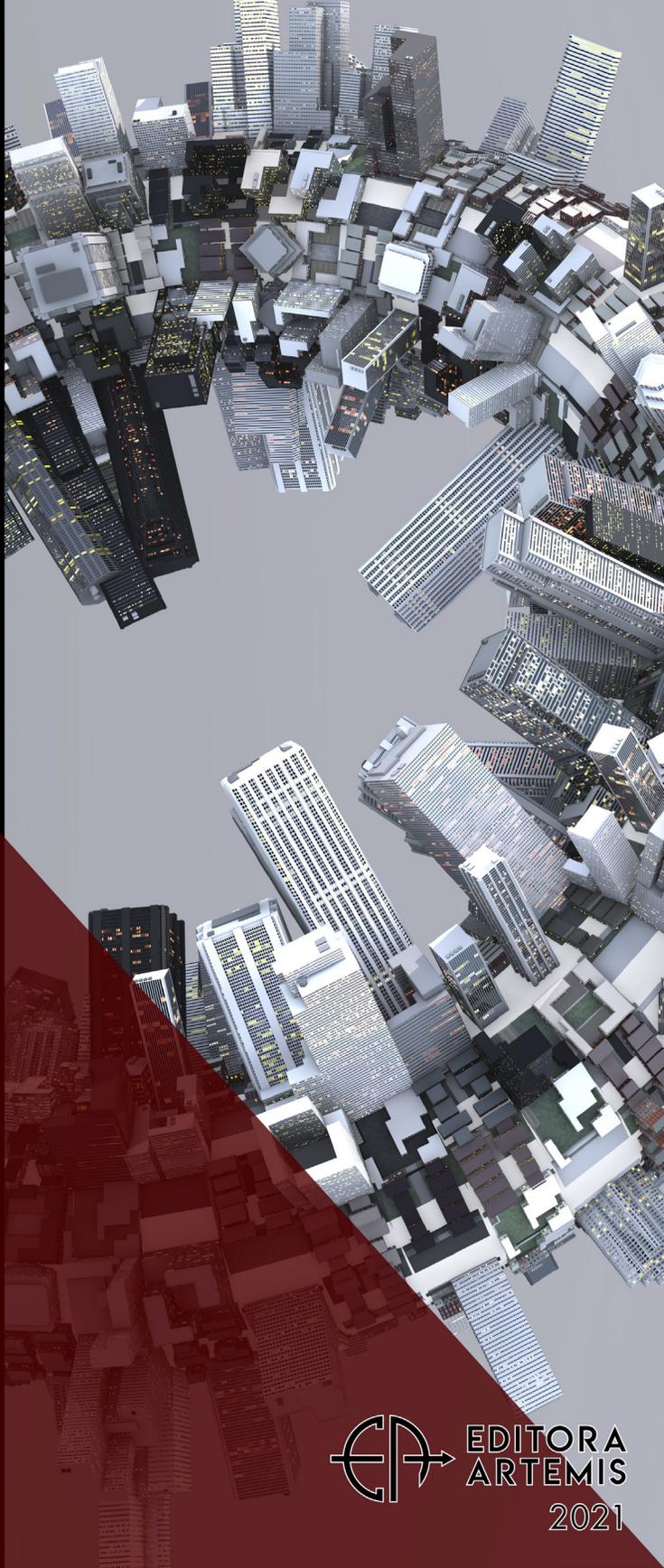


PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL:

ASPECTOS HUMANOS
E SOCIOAMBIENTAIS

SARA SUCENA
[ORGANIZADORA]



EDITORA
ARTEMIS

2021

PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL:

ASPECTOS HUMANOS
E SOCIOAMBIENTAIS

SARA SUCENA
[ORGANIZADORA]



EDITORA
ARTEMIS

2021



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição- Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comercial. A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Prof. ^a Dr. ^a Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M. ^a Bruna Bejarano
Diagramação	Elisângela Abreu
Organizadora	Prof. ^a Dr. ^a Sara Sucena
Imagem da Capa	stylephotographs
Bibliotecário	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof.^a Dr.^a Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”, Cuba*
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, *Universidade Federal de Uberlândia*
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, *Universidade Federal da Paraíba*
Prof.^a Dr.^a Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano, Peru*
Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, *Universidade do Estado de Mato Grosso*
Prof.^a Dr.^a Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla, Espanha*
Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, *Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro*
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, *Universidade Nova de Lisboa, Portugal*
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, *Universidade Aberta de Portugal*
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, *Universidade Federal da Grande Dourados*
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Carlos III de Madrid, Espanha*
Prof.^a Dr.^a Deuzimar Costa Serra, *Universidade Estadual do Maranhão*
Prof.^a Dr.^a Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, *Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal*
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, *Universidade de São Paulo*
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, *Universidade Federal de Roraima*
Prof.^a Dr.^a Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo, México*
Prof.^a Dr.^a Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina*
Prof.^a Dr.^a Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca, Espanha*
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República, Uruguay*
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara, México*
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona, Espanha*
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, *Universidade Federal do Triângulo Mineiro*
Prof.^a Dr.^a Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis, Argentina*
Prof.^a Dr.^a Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, *Instituto Politécnico da Guarda, Portugal*
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*
Prof.^a Dr.^a Iara Lúcia Tescarollo Dias, *Universidade São Francisco*
Prof.^a Dr.^a Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura, Peru*
Prof.^a Dr.^a Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Ivan Amaro, *Universidade do Estado do Rio de Janeiro*
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío, Chile*



Prof.ª Dr.ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas
 Prof. Me. Javier Antonio Alborno, *University of Miami and Miami Dade College*, USA
 Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha*, Espanha
 Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros
 Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid*, Espanha
 Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín*, Colômbia
 Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista
 Prof.ª Dr.ª Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás
 Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo
 Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha
 Prof.ª Dr.ª Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha
 Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodríguez, *Universidad Santiago de Compostela*, Espanha
 Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista
 Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe
 Prof.ª Dr.ª Mar Garrido Román, *Universidad de Granada*, Espanha
 Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto
 Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia
 Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
 Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão
 Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal
 Prof.ª Dr.ª Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana "José Antonio Echeverría"*, Cuba
 Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras
 Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense
 Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras
 Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia
 Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia
 Prof.ª Dr.ª Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
 Prof.ª Dr.ª Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
 Prof.ª Dr.ª Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
 Prof. Dr. Turpo Gebera Osbaldo Washington, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa*, Peru
 Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa
 Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande
 Prof.ª Dr.ª Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca*, Colômbia

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
 (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

P712 Planejamento urbano e regional [livro eletrônico] : aspectos humanos e socioambientais / Organizadora Sara Sucena. – Curitiba, PR: Artemis, 2021.
 Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-65-87396-40-8
 DOI 10.37572/EdArt_150821408
 1. Planejamento regional. 2. Planejamento urbano – Brasil.
 I. Sucena, Sara.

CDD 711.981

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



APRESENTAÇÃO

PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL: ASPECTOS HUMANOS E SOCIOAMBIENTAIS

A disciplina de Planeamento territorial – independentemente da escala e da geografia em que se foque – está hoje, talvez mais do que nunca, em questão. As vivências urbanas sob o contexto pandémico do último ano, e o seu efeito no agravamento da desconfiança que a palavra “planeamento” vem gerando, põem-na genericamente em causa. O sentimento não é especificamente atinente a este campo de estudo, pois que globalmente as várias áreas do conhecimento estão a ser chamadas ao questionamento de premissas, valores e instrumentos. É a consequência dos tempos actuais, poder-se-á dizer. No entanto, mais do que outras, esta nossa disciplina é por ele afectada já que assenta de modo essencial no acto de *planear*, de programar o uso do solo por antecipação das dinâmicas de vida social, de desenhar o/um futuro para um determinado horizonte temporal. E este é dominado pela sensação de *incerteza*. Parece, pois, desaparecer a sua razão de existência na proporção da diminuição das “certezas”, o pressuposto que originalmente fundamentava a disciplina e garantia a materialização do *plano* em correspondência com elas. Urge então um renovado nexu disciplinar, o qual se vem construindo pela recusa de abandonar o compromisso com a sociedade e suspender a responsabilidade de idealizar e criar soluções que melhorem as condições de vida da(s) comunidade(s).

O conjunto de textos que integra o presente livro denota bem a amplitude de uma dinâmica/prática disciplinar que pesquisa vários caminhos de resposta na senda de um progresso cujo sentido ainda se tateia. Os tópicos são diversos, como as estratégias de discussão, oscilando entre o pragmatismo e a maior abstracção. Também diversa é a geografia de filiação dos autores e a que referencia a investigação apresentada (Argentina, Brasil, Cuba, México, Panamá, Portugal), assim se provando a transversalidade daquela procura. Nenhuma se dirige especificamente ao contexto pandémico actual, mas todas discutem temas do século XXI, envolvendo os *aspectos humanos e socioambientais* de que depende a nossa subsistência no planeta. Questionando e implicando o território urbano à escala da cidade/região, respondem à chamada para repensar e actualizar a disciplina – nos temas, nos processos, nas ferramentas. O título do livro reflecte estes ensejo e desafio colocados ao Planeamento Urbano e Regional.

A divisão dos capítulos segundo dois argumentos – “Urbanização e Recursos Naturais” e “Urbanização e Formas de Ocupação” – interpreta a “urbanização”, o tópico comum, como um *processo* geral onde a edificação e a infra-estruturação estão implicadas,

sem haver referência específica ao seu resultado formal. É neste enquadramento que se distinguem (nem sempre facilmente), por um lado, os trabalhos cuja essência é o foco na transformação dos recursos naturais/ambientais envolvidos na urbanização, e, por outro, aqueles que se fundamentam na indagação dos artefactos materiais (e.g. morfologias, etc.) produzidos no âmbito dos processos de urbanização.

A organização da obra, necessariamente subjectiva, propõe um princípio de leitura. Poderia ser outro. Se o leitor abrir o livro ao acaso e optar por esse distinto princípio de leitura, o seu título e âmbito estarão igualmente em consonância.

Sara Sucena

SUMÁRIO

URBANIZAÇÃO E RECURSOS NATURAIS

CAPÍTULO 1..... 1

INTERACCIONES ENTRE PROCESOS EROSIVOS Y ACTIVIDAD ANTROPO-FAUNÍSTICA EN LAS SIERRAS DE BRAVARD Y CURAMALAL Y PIEDEMONTES ALEDAÑOS, PROVINCIA DE BUENOS AIRES

Juan Manuel Susena

Rodolfo Osvaldo Gentile

DOI 10.37572/EdArt_1508214081

CAPÍTULO 2..... 21

PROCESOS DE REMOCIÓN EN MASA E IMPLICACIONES AMBIENTALES (PARTIDO DE TANDIL, PROVINCIA DE BUENOS AIRES)

Rodolfo Osvaldo Gentile

Juan Manuel Susena

DOI 10.37572/EdArt_1508214082

CAPÍTULO 3..... 41

EFICIÊNCIA NO TRATAMENTO DE ESGOTO DOMÉSTICO POR SISTEMA ALTERNATIVO BASEADO POR *WETLAND*

Ariston da Silva Melo Júnior

Kleber Aristides Ribeiro

Abrão Chiaranda Merij

Leonardo Gerardini

DOI 10.37572/EdArt_1508214083

CAPÍTULO 4..... 57

ANÁLISE GEOSSISTÊMICA DO USO DO SOLO E TEMPERATURA DA SUPERFÍCIE DO PERÍMETRO URBANO DE MARABÁ

Marley Trajano Lima

João Donizete Lima

DOI 10.37572/EdArt_1508214084

URBANIZAÇÃO E FORMAS DE OCUPAÇÃO

CAPÍTULO 5.....70

AVALIAÇÃO DA PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES SOBRE A CAMINHABILIDADE EM CAMPI UNIVERSITÁRIOS

Otávio Henrique da Silva
Caio Augusto Rabello Gobbo
Luiz Paulo Vieira de Araújo Júnior
Suely da Penha Sanches

DOI 10.37572/EdArt_1508214085

CAPÍTULO 6..... 83

ÍNDICE DE PERFORMANCE DAS CALÇADAS

Otávio Henrique da Silva
Taiany Richard Pitilin
Paula Polastri
Suely da Penha Sanches
Generoso de Angelis Neto

DOI 10.37572/EdArt_1508214086

CAPÍTULO 7..... 96

LA FORMA URBANA Y SU IMPACTO EN EL ABANDONO DE LAS VIVIENDAS. SOLUCIONES AL DISEÑO URBANO DEL FRACCIONAMIENTO LAS HACIENDAS EN CIUDAD JUÁREZ, CHIHUAHUA, MÉXICO

Leticia Peña-Barrera
Judith Gabriela Hernández-Pérez

DOI 10.37572/EdArt_1508214087

CAPÍTULO 8.....112

LA VIVIENDA PROPIA COMO FACTOR DE ÉXITO

Gabisel Barsallo Alvarado

DOI 10.37572/EdArt_1508214088

CAPÍTULO 9..... 121

PARCERIAS E COMPARTILHAMENTO DE RECURSOS - UMA ESTRATÉGIA PARA URBANIZAÇÃO DE ÁREAS COM OCUPAÇÃO DESORDENADA

Henrique Dinis

DOI 10.37572/EdArt_1508214089

CAPÍTULO 10.....134

A METÁFORA DO HIPERTEXTO E A PAISAGEM DA URBANIZAÇÃO EXTENSIVA.
ENSAIO EM PROL DE UMA NOVA RACIONALIDADE

[Sara Sucena](#)

DOI 10.37572/EdArt_15082140810

CAPÍTULO 11..... 150

PLANES REGIONALES: UNA EXPERIENCIA DE GESTIÓN Y REVITALIZACIÓN EN LA
CIUDAD DE SÃO PAULO

[Denise Gonçalves Lima Malheiros](#)

DOI 10.37572/EdArt_15082140811

CAPÍTULO 12163

“DE UN MAESTRO PARA UN MAESTRO”

[Ada Esther Portero Ricol](#)

[Maritza González Moreno](#)

DOI 10.37572/EdArt_15082140812

SOBRE A ORGANIZADORA..... 172

ÍNDICE REMISSIVO 173

CAPÍTULO 10

A METÁFORA DO HIPERTEXTO E A PAISAGEM DA URBANIZAÇÃO EXTENSIVA. ENSAIO EM PROL DE UMA NOVA RACIONALIDADE

Data de submissão: 28/06/2021

Data de aceite: 10/07/2021

Sara Sucena

Universidade Fernando Pessoa
Faculdade de Ciência e Tecnologia
Porto, Portugal
Centro de Estudos de Arquitectura e
Urbanismo, CEAU-FAUP
Porto, Portugal
ORCID: 0000-0002-0989-0877

RESUMO: O presente capítulo tem como objecto de estudo a urbanização contemporânea e como pano de fundo concreto a urbanização extensiva do Noroeste português. Esta faixa atlântica, de ocupação fragmentada e heterogénea, e de mais de uma centena de quilómetros de comprimento na direcção N/S, é geral e frequentemente referida pela negativa, em regra por reacção visual à aparência de alguma das suas *partes*, que apenas excepcionalmente se relaciona com o *todo* (de várias escalas) a que pertence. 'Desordem' e 'caos' é adjectivação corrente e resultante da incompreensão das lógicas que estão subjacentes à transformação territorial dessa área ao longo do último meio século. Este *ensaio* (na dupla acepção

de um exercício que se faz pela primeira vez e de um género textual) visa contribuir, justamente, para a emergência de uma nova racionalidade que acolha positivamente aquela realidade urbana e as configurações mais ou menos ininteligíveis em que se expressa a sua individualidade. A metáfora do hipertexto, no âmbito da análise urbana e como instrumento de compreensão territorial, responde ao repto de familiarizar o cidadão com as características do espaço urbanizado em que vive através do reconhecimento de sintonias entre esse ambiente e o da Internet, onde certamente (pelo menos a maioria dos cidadãos) se move com à-vontade e sem estranheza. As principais características do hipertexto conduzem, então, uma discussão exploratória que procura evidenciar aqueles paralelismos pela conjectura de hipotéticos movimentos de um utilizador nas duas redes – na retícula urbana, através da rede viária; e na Internet. No final, os qualificativos que distinguem e caracterizam a urbanização extensiva – *caos* e *desordem* –, reinterpretados à luz daquela discussão, são transmutados em *racionalidade* e *ordem pessoal*, abrindo-se a entendimentos mais compreensivos e inclusivos, e marcando uma nova etapa na conceptualização da urbanização contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Urbanização contemporânea. Hipertexto. Paisagem Urbana. Análise Urbana. Planeamento Urbano.

THE HYPERTEXT METAPHOR AND THE LANDSCAPE OF EXTENDED URBANIZATION. AN ESSAY FOR A NEW RATIONALITY

ABSTRACT: The chapter's object of study is the contemporary urbanization, and the Northwest of Portugal its specific background. This Atlantic strip of fragmented and heterogeneous settlement, over a hundred kilometres in length in the N/S direction, is generally and often referred to in a negative way, mostly as a visual reaction to the look of some of its *parts*, that only exceptionally is related to the *whole* (of various scales) to which it belongs. 'Disorder' and 'chaos' are common adjectives resulting from the misunderstanding of the logic underlying the territorial transformation of this area throughout the last half-century. This essay (in the double meaning of an exercise being done for the first time and of a textual genre) aims to contribute, precisely, to the emergence of a new rationality that welcomes that urban reality positively and the more or less unintelligible configurations in which its individuality is expressed. The hypertext metaphor, within the context of urban analysis and as an instrument of territorial understanding, responds to the challenge of familiarizing the citizen with the characteristics of the urbanized space in which he lives, through the recognition of consonances between this environment and that of the Internet, where he (surely the majority of citizens) is likely to move with ease and without awkwardness. The main characteristics of the hypertext structure an exploratory discussion that seeks to highlight those parallels, by conjecturing the hypothetical movements of a user in both networks – in the urban grid, through the road network; and on the Internet. Finally, the qualifiers that distinguish and characterize the extended urbanization – *chaos* and *disorder* –, reinterpreted in the light of that discussion, are transmuted into *rationality* and *personal order*, opening up to more comprehensive and inclusive understandings, and marking a new stage in the conceptualization of contemporary urbanization.

KEYWORDS: Contemporary urbanization. Hypertext. Urban landscape. Urban Analysis. Urban Planning.

1 HIPERTEXTO, INTRODUÇÃO

Hipertexto é uma palavra do nosso tempo, do século XXI. Assim é, independentemente de a sua origem remeter a meados do século passado – a noção aos anos 40, por Vannevar Bush, considerado o “avô do hipertexto”, e a invenção/definição do termo aos anos 60, por Ted Nelson (Nielsen, 1995, p.33-40). Assim é também porque, justamente, o seu mais imediato significado se estabelece na relação com a Internet (e mais explicitamente com a *World Wide Web*), que é um alicerce fundamental da nossa contemporaneidade.

Emergida, em relativa sincronia temporal, desde noções afins em campos disciplinares distintos, como descreve George P. Landow (2006), se é desde a computação/informática que a palavra “hipertexto” é cunhada (por Ted Nelson, em

1965), é da literatura/linguística, e mais especificamente da vertente da teoria crítica (designadamente das contribuições de Roland Barthes e Jacques Derrida), que advém parte fundamental da sua consistência teórica:

As muitas semelhanças entre o hipertexto computacional e a teoria crítica têm muitos pontos de interesse, o mais importante dos quais, talvez, resida no facto de que a teoria crítica promete teorizar o hipertexto e o hipertexto promete incorporar e, assim, testar aspectos da teoria, particularmente aqueles relativos à textualidade, narrativa e aos papéis ou funções do leitor e do escritor. (Landow, 2006, p.2)

É, portanto, através de um conjunto de noções e argumentos sintonizados – representados e sintetizados na palavra *Hipertexto*: “*um corpo de material escrito ou pictórico interligado de um modo tão complexo que não poderia ser apresentado ou representado de forma conveniente em papel*” (Nelson, 1965, p. 96) – que se desenham as premissas da construção de novos sistemas de racionalidade. Trata-se, nas palavras de Landow, de “*uma viragem de paradigma que assinala a revolução no pensamento humano*” e que resulta do abandono dos “*sistemas conceptuais fundados em ideias de centro, margem, hierarquia e linearidade*” substituídos “*pelos de multi-linearidade, nós, ligações e redes*” (Landow, 2006, p.1).

É efectivamente este referente abrangente que serve a síntese proposta por Álvaro Domingues (2015, p.38) como definição de hipertexto:

...um tipo de escrita não sequencial composta por uma série de blocos de texto que funcionam como unidades de informação ou lexias, dotadas de coerência própria, conectadas por ligações que possibilitam ao leitor seguir vários caminhos na demanda por informação e pela construção de sentido. Ao contrário do texto trata-se de uma estrutura aberta não linear e não hierarquizada, sem princípio, meio ou fim.

É ainda aquele referente que enquadra o entendimento de Pierre Lévy (1999) que, definindo igualmente hipertexto “por oposição a um texto linear, como se fosse um texto estruturado em rede”, avança na sua concretização ao dizer que ele se constitui “por nós (os elementos de informação, parágrafos, páginas, imagens, sequências musicais, etc.) e de ligações entre esses pontos (referências, notas...)” (Lévy, 1999, p.32).

Estes autores sobrepõem em boa parte as suas definições e, delas, um dos atributos comuns e recorrentes é aquele a que Nelson atribui essência estruturante – a *não-linearidade*. Efectivamente, é esta que sustém o prefixo ‘hiper’: “O critério para este prefixo é a incapacidade de esses objectos [hipertextos] serem adequadamente compreendidos por meios lineares” (Nelson, 1965, p.96). Ainda assim, apesar deste enfoque, e mesmo não aprofundando a discussão, interessa-nos ressaltar que Nelson (1974, p.45) admite o hipertexto em distintos níveis de linearidade: num crescendo

desde o “hipertexto de estilo básico ou bloco” até ao “grande hipertexto”. Também a interpretação de Carolyn Guyer (cit. in Tosca, s.d., s.p.) tem esse sentido ao recusar o hipertexto como estrutura não-linear, afirmando que ele é a “combinação suficiente de não-sequencial e linear”, e ainda David Kolb, que parece partilhar desta percepção ao sistematizar as várias formas que o “hipertexto filosófico” pode tomar de acordo com a maior ou menor linearidade subjacente à sua leitura. O que Kolb designa como “[t]exto Lagarta, com expansões e ‘notas de rodapé’ marginais” é exemplo de um modo essencialmente linear, sendo um dos menos lineares os “[s]egmentos de texto que suportam contornos vários e argumentos múltiplos ou conflitantes como caminhos variados” (cit. in Brent, s.d., s.p).

2 HIPERTEXTO, ESTRUTURA E REPRESENTAÇÃO

Um outro aspecto, além da não-linearidade, em que os autores acima confluem – este relacionado com a sua constituição – é na noção de hipertexto enquanto “um conjunto de nós conectados por ligações” (Lévy, 1994, p.43). Nelson assim o entendia, e na sua concepção original aqueles dois componentes – nó e ligação – seriam visíveis pelo utilizador. No entanto, a evolução do seu modelo nunca se materializou como idealizado, segundo o próprio admitiu em entrevista recente (Nelson, 2015), já que aquela escapa à percepção do utilizador. Face à velocidade da Internet, este não experiencia conscientemente a *ligação*, que é uma “jump link”, como Nelson nessa mesma entrevista se lhe refere. Ao ser coincidente com o *clique* que selecciona os *nós*, o sistema parece reduzir-se a estes, e por isso talvez aquela, a “jump link”, seja mais claramente representada pela imagem de “wormhole”, ou “buraco de minhoca”, que Pedro Barbosa (2017) convoca ao relacionar hipertexto e Cosmologia. Nas suas palavras:

Os wormholes (...) são uma espécie de links, de verdadeiras hiperligações que atravessam o “hipertexto” do universo: o Universo é hiperdimensional. E o hipertexto, que hoje impregna o mundo da cibercultura humana, nada mais é do que uma alegoria textual desse universo. (Torres; Barbosa, 2017, p.141)

A par desta alegoria, o mundo da cibercultura explorou uma outra, talvez mais explicitamente, que nos permite a entrada no tópico que investigamos: a ponte entre hipertexto e arquitectura, que resolveu a necessidade inicial de estabelecer uma conexão amigável entre o utilizador e os ambientes da então recente virtualidade, como explica Luiz Diniz (2008, p.103):

Assim, para entrar em um prédio de natureza pública, como por exemplo, uma biblioteca, representava-se um edifício tradicional no qual havia uma placa em que estava escrito BIBLIOTECA geralmente ao lado de outra entrada icônica com o dizer: «entre ou clique aqui para entrar».

É assim que por referência a meios/linguagem com os quais existia familiaridade, de certo modo os recreando, muito do vocabulário que na Internet se utiliza metaforiza elementos do edifício e da cidade (*home page, window, site, path...*). E é com este mesmo nexos que o hipertexto nos serve, mas agora em sentido inverso. A metáfora do hipertexto, no âmbito da análise urbana e como instrumento de compreensão territorial, desejavelmente responde ao repto de familiarizar o cidadão, que é utilizador da Internet, com as características do espaço urbanizado que o rodeia: uma entidade que é hoje dificilmente (se de todo) inteligível para a generalidade dos seus habitantes porque persistente e anacronicamente lido segundo esquemas mentais e valores que estruturavam a cidade decimonónica e que não mais enquadram nem as morfologias nem os processos da urbanização actual, como já notavam Francesco Indovina e Françoise Choay, respectivamente, em 1990 e 1994.

2.1 HIPERTEXTO E URBANIZAÇÃO

A questão que se coloca é então: que implicações pode ter a metáfora do hipertexto na compreensão da urbanização contemporânea, conquanto esta é uma expressão materializada da sociedade, e não um seu reflexo, como precisou Manuel Castells (2005 [1996], p.83)? Este sociólogo fez esta explicitação ao considerar a inevitável transformação espacial e a emergência “de um novo mundo urbano” como inseparável “do processo de formação de uma nova sociedade” – “sociedade em rede” como a designa. Se tomarmos esta ideia como uma das premissas do presente texto, François Ascher, em *Les nouveaux principes de l'urbanisme* (2001), permite-nos fazer a ponte directa com a matéria urbana em discussão. Efectivamente, não tão distante do entendimento de Castells, Ascher designa como “sociedade hipertexto” aquela a que pertencemos e que tem no “sistema metropolitano” o tipo urbano dominante que lhe corresponde, e que assim define: “vastos territórios..., formando um espaço urbanizado extenso, descontínuo, heterogéneo, polinuclear, que integra no mesmo conjunto cidade densa e neo-rural, pequena cidade, vila e subúrbio.” (Ascher, 2010 [2001], p.105)

No caso do espaço português, e em concreto do noroeste continental (Fig.1), uma extensa faixa urbanizada ao longo do Atlântico (com dimensões máximas de 120 Km na direcção N/S e de 50 Km na direcção E/O, e prolongada na Galiza, em Espanha), corresponde-se genericamente com aquela descrição (CE-FAUP, 2002). Aparte a extensão, mais importa aqui destacar as suas especificidade e complexidade, que sob os pontos de vista formal, funcional, económico, têm sido amplamente discutidas desde meados dos anos 80 do século XX por investigadores e profissionais das disciplinas da arquitectura, geografia, economia, etc. (Cfr. Sucena, 2010, pp.172-198).

Fig.1: A urbanização do noroeste português/peninsular.



Fonte: Coluna à esquerda – Nasa, Earth Observatory, *Earth at Night: Flat Maps* (2016); Google Earth (2018).
Coluna à direita, de cima para baixo – Fotos 1.1 a 1.4: Álvaro Domingues; Foto 1.5: Sara Sucena.

Ainda assim, apenas em meados da primeira década de 2000 teve início o relativo acolhimento institucional daquele território extensivamente urbanizado por parte do Governo central. O *Programa Nacional da Política de Ordenamento do Território* (PNPOT), de 2007, reservou-lhe alguma distinção nas suas directrizes e a recente alteração desse Programa confirma a sua singularidade como um dos *subsistemas territoriais* a valorizar: “áreas relativamente densas, tendencialmente com um crescimento urbano disperso e fragmentado territorialmente” (PNPOT, 2019, p.111). Persiste, contudo, a dificuldade da sua aceitação, designadamente porque em termos visuais aquele não se compreende, não é inteligível, como nota Sara Sucena (2014):

Parante o resultado final – que não se percebeu chegar – os qualificativos mais frequentes para a sua (des)organização espacial, genericamente negativos, fixam o caos e a falta de inteligibilidade visual, tomando, de certa forma, o todo pela parte, já que é essencialmente o «espaço entre cidades» o receptáculo privilegiado da urbanização das últimas décadas, aquele que é, de facto, o elemento novo da cidade contemporânea. (Sucena, 2014, p.115)

Daqui se extrai a lacuna conceptual que inibe a aceitação daquela materialidade urbana como um compósito de tecidos distintos que o tempo juntou numa coexistência (ainda) sem nexos evidentes. A sua superação requer entendimentos distintos daqueles aplicáveis a algumas das *partes* antes isoladas, que, por isso, são hoje incapazes de responder ao enquadramento do novo *todo*; mais do que a soma das partes, portanto, e na dependência das escalas a que é observado (no limite, à escala planetária [Cfr. Brenner, 2013]), ele é já outro(s) objecto territorial.

Serve-nos, a este propósito, recordar dois autores que, concretizando distintamente o sentimento de incompreensão gerado por esta paisagem da urbanização extensiva de finais do século XX, progrediram na sua reconceptualização. André Corboz (2000 [1994]) identifica-o na “hipercidade”, o termo com que, em 1993, cunhou essa então recente expressão urbana, exactamente na relação que estabeleceu com hipertexto. Sobre ela, constata: “se a hipercidade nos repugna, se nos parece contraditoriamente caótica e monótona, (...) homogénea à força da heterogeneidade (...) é, creio eu, devido a uma noção implícita, que instintivamente determina a nossa visão da cidade – (...) o conceito de harmonia.” (Corboz, 1997, p.7) Rem Koolhaas (2010 [1994]), por seu lado, recorrendo, em 1994, sobre o urbanismo da “cidade genérica” (termo que igualmente cunhou nesse ano), afirma que a sua paisagem “é geralmente uma amálgama de sectores excessivamente ordenados (...) e soluções cada vez mais livres por toda a parte”, sugerindo a sua imagem por comparação a “esporos, tropos e sementes (...) caído[s] na terra ao acaso” (Koolhaas, 2010 [1994], p.44-45). Tomava-a como uma “escrita” aparentemente “indecifrável” e argumentava sobre um “novo analfabetismo” que requeria paciência para revelar o que

a permitia decodificar; já Corboz, complementando a observação supra, propunha como inspiração para renovados contextos harmônicos de referência para a hipercidade aqueles que a arte moderna, de Paul Cézanne à *land art*, explorou (Corboz, 2000 [1994]).

3 HIPERTEXTO, METÁFORA DE LEITURA DA URBANIZAÇÃO EXTENSIVA

O presente ensaio une-se a esse esforço de pensamento, juntando-se a alguns outros que, ainda exercícios soltos, exploraram esta temática (Cfr. Domingues, 2020; Sucena, 2020; Domingues, 2015; Kolb, 2008). Tomámos o hipertexto como mote e desenvolvemos a analogia subjacente à “hipercidade”, estabelecida por Corboz, procurando participar na superação da incompreensão antes identificada. O objectivo é tornar consciente que a mecânica dos espaços da virtualidade hipertextual, por onde a generalidade das pessoas hoje se move, tem semelhanças pertinentes com aquela que sustenta o actual território da urbanização extensiva. Por isso, a ideia é que a familiaridade que o cidadão tem com o hipertexto através do uso diário da Internet, quando as características deste meio forem reconhecidamente assemelhadas àquele espaço físico, permita transpor para ele uma equivalente racionalidade. Assim se criará abertura à aceitação, primeiro, e à compreensão, depois, da configuração multifacetada desta realidade urbana não-sintonizada com os padrões convencionais/tradicionais de organização, de harmonia,... e que urge corresponder com aqueles que lhe são próprios, tal como antes dissemos. Desejavelmente, o utilizador do hipertexto se reconhecerá nela.

Tomámos a urbanização extensiva como resultado de um processo de escrita singular, partilhando o entendimento de Koolhaas, e o desafio de contribuir para a sua decifragem. Assumimos o tempo como explicativo, já que o território em causa não surge da “tabula rasa”, e considerámo-lo o fundamento daquele processo de escrita, bem como da consequente materialidade diacrónica que incorpora no solo urbanizado a noção de palimpsesto (Cfr. Corboz, 2001). Como todos os processos de escrita, portanto, também o processo de urbanização produz texto(s), i.e., morfologias espaciais, cada uma com a sua história. O território da urbanização extensiva é então um texto maior resultante do conjunto de textos menores, como o arquitecto Manuel de Solà-Morales nos diz em *Ciudades Cortadas* (1994): “um projecto é um texto que se anexa a tantas narrações já existentes” (Solà-Morales, 2000 [1994], p.32).

Assim enquadrada na discussão do texto vs hipertexto, frutuosa na literatura (e na sua passagem para o digital), é agora proposta a leitura da urbanização extensiva do noroeste português (em pano de fundo) à luz de algumas das características daquela oposição mais frequentemente referidas e sumariamente expostas na introdução acima.

Estruturadas em três subsecções, cada uma destas é aberta por duas citações que sugerem o contexto de referência, uma emergindo das áreas disciplinares da Informática/Literatura e outra da área da Arquitectura/Urbanismo. A óptica é a do utilizador.

Em frente a um computador (ou telemóvel) e navegando na WWW, os *nós*, ou os *centros*, são as páginas e sítios que vamos consultando. Apoiados num motor de busca, seleccionando os resultados, abrindo e fechando documentos, detendo-nos mais ou menos em cada um, clicando em texto, imagem, vídeo... assim nos movemos virtualmente. Essas páginas e esses objectos digitais entre os quais vamos *saltando* são conectados por ligações que não vemos nem (normalmente) percebemos existir, tal a velocidade da Internet. Passamos de um(a) para outro(a), desenhando um caminho saltitante entre *nós*, impelidos pela curiosidade e interesses, e segundo um determinado raciocínio (não pré-determinado, antes gradualmente decidido em função do que vai surgindo). Se registados e visualizados esses caminhos escolhidos, eles certamente nos mostrariam mapas incompreensíveis, linhas de avanço e recuo, de sobreposição; pontos, ou nós, onde nos detivemos; enfim, um conjunto aparentemente errático e desordenado de eventos muito diversos. Confrontados com esse mapa, talvez não nos reconheçêssemos nele; porque a nossa actividade teve um sentido, uma lógica, que mais ou menos conscientemente nos conduziu nesse percurso, e que aquele não denota. Nem as linhas, nem os objectos representados. Há estranheza no reconhecimento desse nosso registo. Talvez mesmo a sensação de caos, que, contudo, sabemos ser mera aparência porque fomos autores da (des)ordem que vemos e sabemos do seu nexos.

3.1 [CENTRO VS.] MÚLTIPLOS CENTROS/REDE

[Informática] “Princípio da mobilidade dos centros: A rede não tem centro, ou melhor, tem permanentemente vários centros, que são ...perpetuamente móveis, saltando de um nó para outro, arrastando em torno de si uma ramificação infinita de radículas, de rizomas, finas linhas brancas, que esboçam, num dado instante, uma carta requintadamente pormenorizada e que depois correm para desenhar mais adiante outras paisagens do sentido. (Levy, 1994, p.34)

[Urbanismo] “...nos espaços reticulares da cidade difusa reduz-se ...muito a dependência do centro metropolitano como lugar de trabalho e dos serviços qualificados, na medida em que, ...estes, convertidos em sistemas reticulares autónomos, se apresentam hoje como «periferias sem centro».” (Dematteis, 1998, p.29)

No espaço da urbanização extensiva, os *centros* onde – e entre os quais – o cidadão diariamente se move são vários. Não são exclusivamente aqueles que se designam como ‘centros’ (ou ‘centros históricos’) e que provavelmente nem são por ele habitados no dia-a-dia, i.e., aqueles que normalmente assim se referem em correspondência com os lugares da aglomeração populacional, da diversidade de funções centrais e de unidades funcionais, como os distingue Álvaro Domingues (2009). Os centros que aqui interessam são esses, mas são também outros, onde a sobreposição daqueles atributos não se verifica necessariamente e a que, no entanto, o indivíduo acede; são os *nós* – pontos acessíveis de uma rede, segundo o mesmo Domingues – entre os quais aquele se

move e onde se detém, por mais ou menos tempo, no desenvolvimento das suas várias actividades. Alguns correspondem a paragens pré-determinadas, outros não, decorrendo de decisões do momento. Entre esses vários *nós* atravessa-se território, usam-se as *ligações*, os espaços do movimento, e quanto mais rápido este for menos se sente essa passagem, menor é a percepção de que se está “entre” nós, e tendencialmente menos importância se lhes dá.

Confrontando o espaço da urbanização extensiva e hipertexto, não parece talvez tão distinto o que acima descrevemos daquilo que vivemos enquanto estamos conectados à Internet. No plano físico, as ligações têm, obviamente, mais peso, sentimos que estamos nelas enquanto nos deslocamos de um nó a outro – ou de um centro a outro – porque o tempo transcorre enquanto o fazemos. Mas serão, quiçá, os nós (diferentes para cada um) que mais importam. Sem negar a possibilidade de atribuir significado ao tempo das ligações, talvez seja certo afirmar que, para a maioria, é naqueles muitos e diversos centros que se habita; não entre *nós*.

3.2 INDIVIDUALIDADE, AUTONOMIA, DIVERSIDADE DE CAMINHOS

[Informática/Literatura] “Assim, o leitor [de hipertexto] em busca de compreensão pode continuamente descobrir novos elementos de interesse... Pode encontrar explicações, ideias ou áreas totalmente novas do seu interesse. (...) O leitor explorará... escolhendo [os] caminhos que prefere... passando de secção em secção e parando para um trabalho mais profundo nas unidades de interesse.” (Nelson, 1967, p.196).

[Arquitectura/Urbanismo] “Temos a impressão de que a hipercidade é caótica e livramo-nos dela com alguns adjectivos. Mas a hipercidade não é de forma alguma uma acumulação sem regras. Resulta de uma multiplicidade de escolhas, todas racionais, ou tendencialmente, mas que obedecem a diferentes racionalidades, muitas vezes em competição umas com as outras...” (Corboz, 2000 (1994), p.268)

As deslocações na paisagem da urbanização extensiva são de distintos tipos e respondem a objectivos diversos. A vida de cada indivíduo dá-lhes o enquadramento próprio e o ponto de referência maior que é, em princípio, a casa/lar de cada um. Chamemos-lhe o *nó* original ou nuclear. Também em princípio, a localização deste nó-nuclear é duplamente medida, por um lado, na relação com aquilo que justifica sair dele em direcção a outros nós que representam os interesses (necessidades, obrigações, prazeres, etc.) do indivíduo; e, por outro, na relação com os meios disponíveis para lhes aceder (as distâncias convertidas em tempo). As direcções tomadas são assim diversas, na dependência da localização desses centros – chamemos agora a estes os *nós interessantes* –, e exponencialmente personalizadas pelas distâncias que os separam. Em cada um deles, o indivíduo se deterá por tempos diferentes e a ordem por que lhes acede é função de prioridades e sequências

suas, determinada pelas actividades de cada um. Multiplicam-se, portanto, os mapas de trajectos individualizados, pelo menos a partir do momento em que uma relativa autonomia de movimentos permite independência de escolha.

Confrontando o espaço da urbanização extensiva e hipertexto, o modo de nos relacionarmos com os nossos interesses num e noutra meio aproxima-se. Em ambos somos os autores dos percursos que fazemos até aos *nós interessantes*, reais ou virtuais, livres de decidir onde entrar, sair, e quanto permanecer. Contudo, há diferenças. No plano físico tendemos a limitar as escolhas, a identificar previamente os *nós interessantes* e como lá chegamos, mesmo que possamos variar trajectos, passar por outros nós, marcando através dessas opções alternativas a nossa individualidade e autonomia. A manifestação maior destas condições pessoais, no entanto, acontece quando o utilizador do espaço da urbanização extensiva parte à aventura, seguindo sem roteiro na viagem entre nós. Será menos frequente, mas pode ser feito – é opção de cada um – e nesse caso abre-se a imprevisibilidade, o desconhecimento do que se vai encontrar, onde se vai entrar e sair, parar, recuar e avançar. O percurso torna-se então exclusivo, informado pelas decisões que o indivíduo toma em cada momento. Já navegando na Internet, os caminhos que se trilham são sempre personalizados, se garantida a autonomia do utilizador pela ligação à rede através de um dispositivo privado que permita essa conexão. Aí, a receptividade ao desconhecido é a atitude que correntemente subjaz, sendo as escolhas – tendencialmente infinitas ao longo de percursos imprevisíveis – o impulsor dessa navegação. Desde a decisão da palavra-chave, no motor de busca, às páginas e sítios que, clicando, se seleccionam, os trajectos não podem ser senão pessoais e únicos.

3.3 [LINEAR VS.] NÃO-LINEAR

[Informática/Literatura] “Parece-me que a maioria das definições de hipertexto começa com a referência ao contraste entre o texto linear, que prossegue numa única ordem, e o texto que pode ser lido de várias maneiras porque consiste em partes, ou nós, ou blocos de texto que foram ligados de um modo não linear. Portanto, pode-se definir o hipertexto como um conjunto de porções de texto que possuem um modelo de ligação não sequencial e, portanto, muitos caminhos de leitura possíveis.” (Kolb, 1998, s.p.).

[Arquitectura/Urbanismo] “O importante é que o crescimento [da cidade clássica] se tornou definitivamente descontínuo; e que qualquer ideia de reproduzir a continuidade como alternativa (...), hoje é provavelmente uma batalha perdida. Talvez a continuidade deva ser de outro tipo, uma continuidade descontínua; uma continuidade feita de elementos virtuais ou simbólicos, com as suas conexões de efeito túnel, em que às vezes o elemento de continuidade deixa de ser percebido e se reencontra noutra ponto, algo além. (Portas, 2003, p.127-8)

No espaço da urbanização extensiva, os percursos entre nós e as paragens dos habitantes determinam em cada momento múltiplos pontos de entrada na, e de saída

da(s) rede(s). Focamos aqui, em concreto, a rede viária. Os nós de onde aqueles partem em direcção a outros nós, em busca de resposta aos seus interesses, são variados e a sua localização na rede é diversa. Cada indivíduo entra e sai “ao acaso” dessa rede, i.e., segundo uma lógica que, no contexto geral da sua extensão e organização, parece casual, sem um sentido explícito ou reconhecível. Tem-no, no entanto, porque o indivíduo se move impelido pelos seus interesses e por isso entra e sai da rede quando lhe convém, não preocupado com a sua posição relativa nela, nem onde esta começa ou acaba. A ordem de entrada nessa rede(s), obedecendo assim a preceitos de conveniência, é não-linear, ou seja, o indivíduo não segue ou percorre a rede completa, não entra e sai em todos os nós que surgem à medida que surgem; pelo contrário, escolhe os *nós interessantes* em função de um qualquer nexos que faça sentido para si. Usa, assim, a rede como melhor lhe serve, e no caso específico da rede viária, isto pode significar conciliar percursos de auto-estrada, estrada e rua – tramos desiguais de uma rede com vários níveis hierárquicos – segundo critérios de serviço que ignoram a lógica (linear) que os organiza.

Confrontando o espaço da urbanização extensiva e hipertexto, usamos as redes viária e de Internet, enquanto habitante e utilizador, de maneira semelhante, em nenhuma delas parecendo fazer sentido colocar a questão do seu início e fim. No âmbito da rede viária, sair do edifício é já entrar nela, num qualquer nível e ponto da sua hierarquia (num caminho, rua...); por seu lado, a página do navegador é a entrada geral na Internet, sem referência a hierarquia nesse sistema. Em ambos os casos, o acesso à rede subentende e significa o acesso ao nó; a diferença principal manifesta-se nas ligações. A rede viária é finita, há mapas que a representam com vários níveis de detalhe, e o indivíduo, se quiser, pode saber onde está nessa rede em qualquer momento (mesmo que não releve, como dissemos, os seus pontos inicial ou terminal); pode situar-se em relação a ela e aos pontos de destino (*nós nuclear ou interessantes*). Na Internet, que é tendencialmente infinita, embora não sendo irrealizável o mapeamento da posição virtual do utilizador (através do IP do dispositivo com que se conecta), é-o, pelo contrário, no confronto com a *totalidade* da rede e a infinitude das ligações e nós possíveis. Em qualquer caso, este será um registo de relações, enquanto o anterior é essencialmente um mundo de distâncias-tempo (ainda que convertível num mapa topológico). A condição de não-linearidade é, no entanto, partilhada por ambas, ou seja, o uso de ambas as redes é feito de um modo não-sequencial. Na rede viária aquela expressa-se duplamente, por um lado, no facto de, com frequência, o trajecto entre nós (a ligação) implicar o uso de tramos de distintos níveis de hierarquia da rede, não se percorrendo nenhum deles na totalidade; por outro lado, porque a distância que separa os nós entre os quais se desenrola a vida do indivíduo

implica movimentos multidireccionais (no caso mais simples, ir numa direcção e regressar noutra, por exemplo). Na Internet, aquela condição de não-sequencialidade denota-se na proporção relativa da sua velocidade: sendo rápidas, as ligações entre nós não se sentem (ou sentem-se pouco) e por isso a sensação é a de que há movimento, mas não exactamente direcção. Há “saltos”, ou uma espécie de “wormholes”, como acima referido, entre páginas web (e websites) que livremente podemos imaginar umas sobre as outras, ou talvez mais claramente, sobrepostas, quando não sentimos o tempo de passagem entre umas e outras.

4 SÍNTESE E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ensaíamos um raciocínio de paralelismo entre o espaço da urbanização extensiva – uma expressão da urbanização contemporânea – e o hipertexto – uma expressão da sociedade contemporânea –, por onde muitos de nós se movem diariamente (física e digitalmente). A justificação de partida para esse exercício de pensamento foi a incompreensão do primeiro enquanto objecto territorial complexo, decorrente de processos múltiplos e multi-escalares, e constituído por várias *partes* – fragmentos heterogéneos – cujo *todo* resultante elas não explicam, como igualmente não o fazem os conceitos e valores urbanos que enquadraram originalmente algumas dessas partes. A designação da sociedade actual como “em rede” (Castells, 1996), ou “hipertexto” (Ascher, 2001), constituiu o mote para a eleição do hipertexto como metáfora de uma análise urbana exploratória, sob a premissa de que a paisagem da urbanização extensiva é uma expressão materializada daquela. A familiaridade que a maioria dos habitantes desta paisagem terá relativamente à navegação na Internet foi a razão da procura, através do hipertexto, de uma racionalidade mais aberta face ao diferente, ao fragmento, à heterogeneidade, ao imprevisível, ao desconhecido, que hipoteticamente aplicada àquela paisagem permita acolher a sua aparente falta de lógica com predisposição para o seu entendimento.

Equiparados como conjunto de *nós* e *ligações*, o espaço da urbanização extensiva, por um lado, e o hipertexto, por outro, foram sumariamente relacionados numa discussão organizada em três tópicos, relevados das principais características do segundo: Múltiplos centros/rede; Individualidade, autonomia, diversidade de caminhos; e Não-Linearidade. O pensamento de carácter ensaístico sustentou-se na interpretação livre dos hipotéticos movimentos de um habitante/indivíduo em deslocação nos dois ambientes, na paisagem da urbanização extensiva e na Internet, e foi cenarizado por sugestão da experiência da autora como utilizadora de ambos os ambientes. A maior diferença resultou do modo como se sentem as ligações entre os nós, como se sente diferentemente a rede num e noutro

contexto. No mundo físico, aquelas vivem-se – há distâncias a percorrer e tempo a passar enquanto isso acontece; no digital, elas parecem não existir, sobretudo se a velocidade da Internet é elevada – há uma espécie de instantaneidade na passagem entre nós.

O imaginado mapeamento do movimento em ambas as redes, após um dia de actividade de um indivíduo naqueles dois contextos, mostraria esse diferente peso das ligações, mas também similitudes fáceis de reconhecer. Numa e noutra, o material que compõe os nós é muito diverso – tipos de edifícios, modos de implantação, funções e usos do solo, espaçamento entre edificado e natureza, diferente expressão desta natureza, etc. constituiriam alguma da diversidade que sustenta as morfologias heterogéneas da paisagem da urbanização extensiva. Na Internet são as páginas, simples ou combinadas, que denotam a variedade ao serem constituídas por texto, fotos, vídeo, som, etc. – *hipertextos* – articulados numa grande multiplicidade de modos e de esquemas/modelos compositivos.

O modo de deslocação/navegação nos dois mundos é também relativamente afim, tanto quanto o podem ser os âmbitos (tão) diversos em comparação. A posse de um automóvel privado, no primeiro caso, e de uma ligação à Internet a partir de um computador ou dispositivo que permita o acesso pessoal, no segundo, possibilitam que o indivíduo seleccione, de acordo com os seus interesses, que nós (sítios) visita, quanto tempo permanece neles, quando entra e sai da rede. Esta entrada/saída é feita à medida da sua conveniência, movendo-se naquela para trás e para diante, deslocando-se entre nós, sendo precisamente este comportamento, que pode parecer errático, aquele que alicerça e dá sentido à existência significativa do indivíduo. Tanto no ambiente físico como no digital.

Em síntese, o exercício exploratório de analogia entre dois objectos tão distintos, como o que acima se tentou, desejavelmente permite a transmutação das noções de *caos* e *desordem*, distintivas e estigmatizadoras da paisagem da urbanização extensiva, em princípios de *lógica* e *ordem pessoal*. Abre-se então, nesse pressuposto, um diferente quadro de racionalidade para a compreensão e inteligibilidade dessa paisagem, percebida, enfim, como somatório (mais ou menos coerente) de gestos individuais e personalizados. Podemos questionar se queremos tal expressão de individualidade na configuração do território em que vivemos, mas teremos pouca legitimidade para a negar como facto e reflexo de uma autoria colectiva, e para (lhe) recusar o devido reconhecimento da sua especificidade/singularidade nas acções de pensamento e intervenção de transformação futura.

REFERÊNCIAS

ASCHER F. **Novos princípios do urbanismo seguido de novos compromissos urbanos, um léxico**. Lisboa: Livros Horizonte, 2010 (2001).

BRENNER, N. Theses on urbanization. *Public Culture*, n. 25, p. 85–114, 2013.

BRENT, D. **Kolb's List of Hypertext Forms**, Disponível em: <<http://kairos.technorhetic.net/2.1/features/brent/kolbform.htm>>. Acesso em 12 Jun. 2021.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005 (1996).

CE-FAUP. **Cidade Difusa do Noroeste Peninsular**: Portugal. Porto. Porto: CE-FAUP (trabalho não publicado/policopiado), 2002.

CHOAY, F. Le règne de l'urbain et la mort de la ville. In: **La ville**: art et architecture en Europe, 1870-1993. Paris: Éditions du Centre Pompidou, 1994, p. 26-35.

CORBOZ, A. **Le Territoire comme palimpseste et autres essais**. Les éditions de l'Imprimeur, 2001.

CORBOZ, A. La hiperciudad. (1994). In: ____ **Orden disperso**: Ensayos sobre arte, método, ciudad y territorio. Editorial Universidad Nacional de Quilmes, 2000, p. 265-70.

CORBOZ, A. **La Suisse comme hyperville**. 1997. Disponível em: <https://www.jointmaster.ch/jma/ch/de-ch/file.cfm/document/La_Suisse_comme_hyperville.pdf?contentid=1040>. Acesso em 10 Jun. 2021.

DGT (Direção Geral do Território) (2019). **Programa Nacional da Política do Ordenamento do Território (PNPOT)**. Primeira revisão. Lei n.º 99/2019 de 5 de setembro. Diário da República n.º 170/2019. Disponível em: <https://pnpot.dgterritorio.gov.pt/sites/default/files/SQ_Vconc_PNPOT_0.pdf>. Acesso em 4 Jun. 2021.

DEMATTEIS, G. Suburbanización y periurbanización. Ciudades anglosajonas y ciudades latinas. In: MONCLÚS, F. J. (Ed.). **La ciudad dispersa**. Barcelona: CCCB, 1998, p. 17-33.

DINIZ, L. A. G. **Cibercultura, hipertexto e cibercidade**. 2008. 197 f. Tese (Doutoramento) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2008.

DOMINGUES, Á. O site da Arrábida - ensaio de análise hipertextual aplicado às neo-aglomerações urbanas. *A Obra Nasce*: revista de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Fernando Pessoa, Porto, n. 14, p. 21-41, dez. 2020.

DOMINGUES, Á. Território como hipertexto. In: ____ e TRAVASSO, N. (Coord.) **Território**: casa comum. Porto: FAUP, 2015, p. 38-41.

DOMINGUES, Á. De la ciudad a lo urbano: la urbanización extensiva | From the city to urbanness: extensive city development. In: ALFAYA, L. G.; MUNIZ, Patricia (Ed.). **La ciudad, de nuevo global | The city, global again**. Galiza: Colegio Oficial de Arquitectos de Galicia, 2009, p.35-59.

INDOVINA, F. La città diffusa. In: ____ et al (Ed.). **La città diffusa**. Veneza: DAEST, 1990, p.19-35.

KOLB, D. **Sprawling Places**. Athens, Georgia: The University of Georgia Press, 2008.

KOLB, D. (1998, Janeiro 26). **Anche il Talmud era un ipertesto**. (G. RONCAGLIA Entrevistador). Disponível em: <<https://www.repubblica.it/online/internet/mediamente/kolb/kolb.html>>. Acesso em 5 Jun. 2021.

KOOLHAAS, R. A Cidade Genérica. (1994). In: **Três textos sobre a cidade**. Barcelona, G.G., 2010, p. 29-65.

LANDOW, G. P. **Hypertext 3.0**: Critical Theory and New Media in an Era of Globalization. Johns Hopkins University Press, 2006.

LÉVY, P. **¿Qué es lo virtual?** Barcelona: Paidós, 1999.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência. O futuro do Pensamento na Era da Informática.** Instituto Piaget, 1994.

NELSON, T. (2015 Ago. 24). **50 years ago today the word “hypertext” was introduced.** (B. REESE Entrevistador). Disponível em: <<https://gigaom.com/2015/08/24/hypertext-50/>>. Acesso em 9 Jun. 2021.

NELSON, T. H. Hypermedia, Hypertexts. In: _____. **Computer Lib/Dream Machines.** EUA: Edição do autor, 1974, p. 44-45.

NELSON, T. H. Getting it out of our system. In: SCHETTER, G. (Ed.). **Information Retrieval: A Critical View.** Washington, D.C.: Thompson Book Company, 1967, p. 191-210.

NELSON, T. H. A File Structure for The Complex, The Changing and the Indeterminate. In: ASSOCIATION FOR COMPUTING MACHINERY, 20. **Proceedings...** 1965, p. 84-100.

NIELSEN, J. **Multimedia and Hypertext: The Internet and Beyond.** Cambridge, MA: AP Professional, 1995. *Internet Archive*, “Web”. Acesso em 13 Jun. 2021.

PORTAS, N. Ciudad Contemporánea y Governabilidad. In: FONT, A. (Coord). **Planeamiento Urbanístico: De la Controversia a la Renovación.** Barcelona: CUIMPB, 2003, p. 121-133.

SOLÀ-MORALES, M. Cidades cortadas | Cut cities. (1994). In: Fernandes, F. e Cannatà, M. **Formas urbanas=Urban shapes.** Edições Asa, 2000, p. 28-37.

SUCENA, S. **Red viaria y territorio en el “Vale do Ave”: la red viaria de nivel intermedio como estructura del paisaje urbano en el NW Portugués.** 2011. 474 f. Tese (Doutoramento em Urbanismo) – Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona, Universidad Politécnica de Catalunya, Barcelona, 2010.

SUCENA, S. A metáfora do hipertexto e a cidade contemporânea. Reflexão seguida de ensaio – A área circundante à estação do Metro de Sete Bicas, em Matosinhos, como objecto hipertextual. A Obra Nasce: revista de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Fernando Pessoa, Porto, n. 14, p. 43-60, dez. 2020.

SUCENA-GARCIA, S. A cidade difusa e os instrumentos para o seu (re)conhecimento: o “atlas eclético” de Stefano Boeri. A Obra Nasce: revista de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Fernando Pessoa, n. 8, p. 113-123, dez. 2014.

TOSCA, S. P. Review of David Kolb’s Socrates in the Labyrinth. Disponível em: <<http://webs.ucm.es/info/especulo/hipertul/socrates.html>>. Acesso em 10 Jun. 2021.

TORRES, R.; BARBOSA, P. Materialidade e transdimensionalidade nas novas textualidades electrónicas: uma transição de paradigma? Cibertextualidades, Porto, n. 8, p. 139-162, 2017.

SOBRE A ORGANIZADORA

SARA SUCENA é arquitecta (1994) e Mestre em Projecto e Planeamento em Ambiente Urbano (1998), pela Universidade do Porto (Portugal), e Doutor em Urbanismo (2011), pela Universidade Politécnica da Catalunha (Espanha). Lecciona, desde 2000, no Mestrado Integrado em Arquitectura e Urbanismo da Universidade Fernando Pessoa, onde é Professora Auxiliar, coordenando a área científica de Urbanismo. No contexto editorial, integra o Conselho Científico da Revista de Arquitectura e Urbanismo “A Obra Nasce”, sendo um dos seus co-editores permanentes. Enquanto investigadora, é membro integrado do “Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo” da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto e colaboradora no “Laboratório de Estudos e Projectos” da Universidade Fernando Pessoa. Como arquitecta, exerceu a profissão em regime liberal até 2008, especialmente no âmbito do Planeamento Municipal. Actua em particular na área de Urbanismo, com especial interesse no planeamento, evolução e morfologia(s) da cidade contemporânea.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Actividad antrópica 2, 18, 33, 35, 36, 37, 38

Ambiente 12, 20, 21, 38, 40, 42, 49, 55, 56, 65, 71, 81, 87, 90, 93, 98, 107, 108, 110, 134, 147, 153

Amenaza 2, 10, 21, 22, 35, 36, 37, 38, 39

Análise urbana 134, 138, 146

Arquitectura 96, 110, 111, 134, 137, 138, 142, 143, 144, 149, 163, 164, 165, 170

C

Caminhabilidade 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 83, 84

Caminhadas 70, 72, 74, 79, 83, 84

Campus universitário 70, 71, 72,

Construcciones 114, 163, 164, 165, 168, 169, 171

D

Desarrollo personal 112, 117, 118, 120

Desarrollo urbano 112, 113, 153, 154, 156

Desenho ambiental 70

E

Economia compartilhada 121, 127

Erosión hídrica 1, 2, 4, 7, 8, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19

Esgoto 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 52, 54, 55, 127

Espacio público 98, 99, 102, 109, 150

Éxito 112, 115, 116, 117, 118, 119, 120

F

Forma urbana y abandono de viviendas 96

G

Geoprocessamento 57, 59, 61, 62, 68

Gestión 150, 153, 154, 155, 156, 159, 162, 163, 164

H

Hipertexto 134, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 143, 144, 145, 146, 148, 149

Historia 5, 25, 39, 40, 68, 141, 164, 168, 169, 170, 171

I

Ingeniería 40, 163, 164, 165

M

Movilidad residencial 112, 113, 115

Movimientos en masa 1, 2, 3, 4, 11, 13, 15, 18, 22, 23, 26, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40

P

Paisagem Urbana 89, 134

Passeios públicos 83

Pedestres 72, 73, 74, 75, 78, 81, 83, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 94

Planeamento Urbano 134

Planeamiento 149, 150

Planejamento ambiental 57, 58, 63, 64, 68

Procesos exógenos 21

Proyecto urbano 150

Purificação 41

R

Recursos compartilhados 121, 125, 126, 127, 129, 130

Reflexiones 163, 164, 165, 169

Remoção 41, 45, 46, 47, 51, 52, 53, 54, 55, 56

Revitalización 150, 153, 155, 162

Riesgo 14, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 35, 37, 38, 39

S

Sensoriamento 57, 58, 59, 61

Sustentabilidade 41, 131

T

Tandilia 21, 22, 24, 25, 28, 39, 40

U

Urbanização 58, 64, 121, 129, 134, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147

Urbanização contemporânea 134, 138, 146

Usos y costumbres 96, 102, 105, 109

V

Vivienda propia 112, 114, 115, 116, 117

Z

Zoogeomorfología 2



**EDITORA
ARTEMIS**